

MINISTRO
DA FAZENDAGuido
Mantega

Quem leva a culpa pelo baixo crescimento?

Economistas buscam responsáveis pelo desempenho fraco da economia. Mantega e Tombini estão na linha de tiro, mas críticas também miram estilo centralizador da presidente Dilma

SECRETÁRIO
DE ASSUNTOS
INTERNACIONAISCarlos
Marcio
Bicalho
CozendeyGustavo Machado
gmachado@brasileconomico.com.br
São Paulo

O desempenho pouco alentador da economia brasileira em 2013 está começando a testar a paciência de muitos políticos e empresários com o governo e sua equipe econômica. Antes que consumidores ou eleitores também desistam de esperar por um crescimento semelhante à época do presidente Lula, economistas buscam um culpado pelas más notícias.

Entre os principais questionados estão o ministro da Fazenda, Guido Mantega, e o presidente do Banco Central, Alexandre Tombini. No entanto, o argumento de que a Presidente Dilma Rousseff é demasiadamente centralizadora prevalece entre os entrevistados pelo **Brasil Econômico**. Embora a busca por culpados ainda seja inconclusiva, eles concordam que mudanças precisam acontecer, ou no modelo de gestão, ou no quadro de gestores.

Dois ex-ministros da Fazenda, Márcio Moreira Marques e Rubens Ricupero, atacam a gestão fiscal do governo. Segundo eles, essa é o principal causa dos desequilíbrios econômicos que geram inflação e desestruturam as bases para o crescimento. Moreira Marques, inclusive, diz que a relação entre governo federal e iniciativa privada, ponto forte do governo Lula, começou a azedar antes mesmo da eleição de Dilma Rousseff.

Já na capitalização da Petrobras, diz ele, de forma bem crítica, investidores ficaram ressaltados com uma "contabilidade criativa" presente na oferta pública de ações da estatal: "Contabilizaram barris de petróleo a 7 mil metros de profundidade e que só seriam retirados no futuro como exploráveis no presente. Foi um marco da contabilidade criativa".

Desde então, continua Moreira Marques, a interpretação dos números se tornou uma prática. No Ministério da Fazenda, no último ano, críticas surgiram após o governo incorporar os investimentos feitos no Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) ao superávit primário. Com o incremento, o governo afirmou que

havia alcançado a meta de economizar 3,1% do Produto Interno Bruto (PIB). "A credibilidade foi desgastada. Há uma concepção econômica fantasiosa na equipe econômica", critica.

Já Ricupero diz não entender a contradição entre política fiscal e monetária. Enquanto o Tesouro Nacional abre a torneira para todas as iniciativas do governo, inclusive para aprovar emendas que empacam no Congresso Nacional, o Banco Central voltou a enxugar o excesso de dinheiro.

O ex-ministro culpa Dilma Rousseff pela incoerência e pela saída de Nelson Barbosa, secretário-executivo, do Ministério. "A perda de espaço do Nelson Barbosa para o Arno Augustin (secretário

SECRETÁRIO DA
RECEITA FEDERALCarlos
Alberto
Freitas
Barreto

rio do Tesouro) mostra que a Dilma continua com planos de política fiscal expansionista. Se houver tempo, ela será obrigada a mudar de posição", avalia Ricupero.

Embora Alexandre Tombini agrade à maioria dos entrevistados, uma possível politização do Banco Central é temida. Segundo Maria Cristina Mendonça de Barros, sócia da consultoria MB Associados, o recente aumento da Selic de 7,5% para 8% ao ano também é fruto dessa influência. "O que está por trás desse aumento é a conta do supermercado, que bateu na popularidade da presidente. Quando 80% das pessoas dizem sentir os efeitos da inflação, é a percepção do eleitor que está em jogo", afirma.

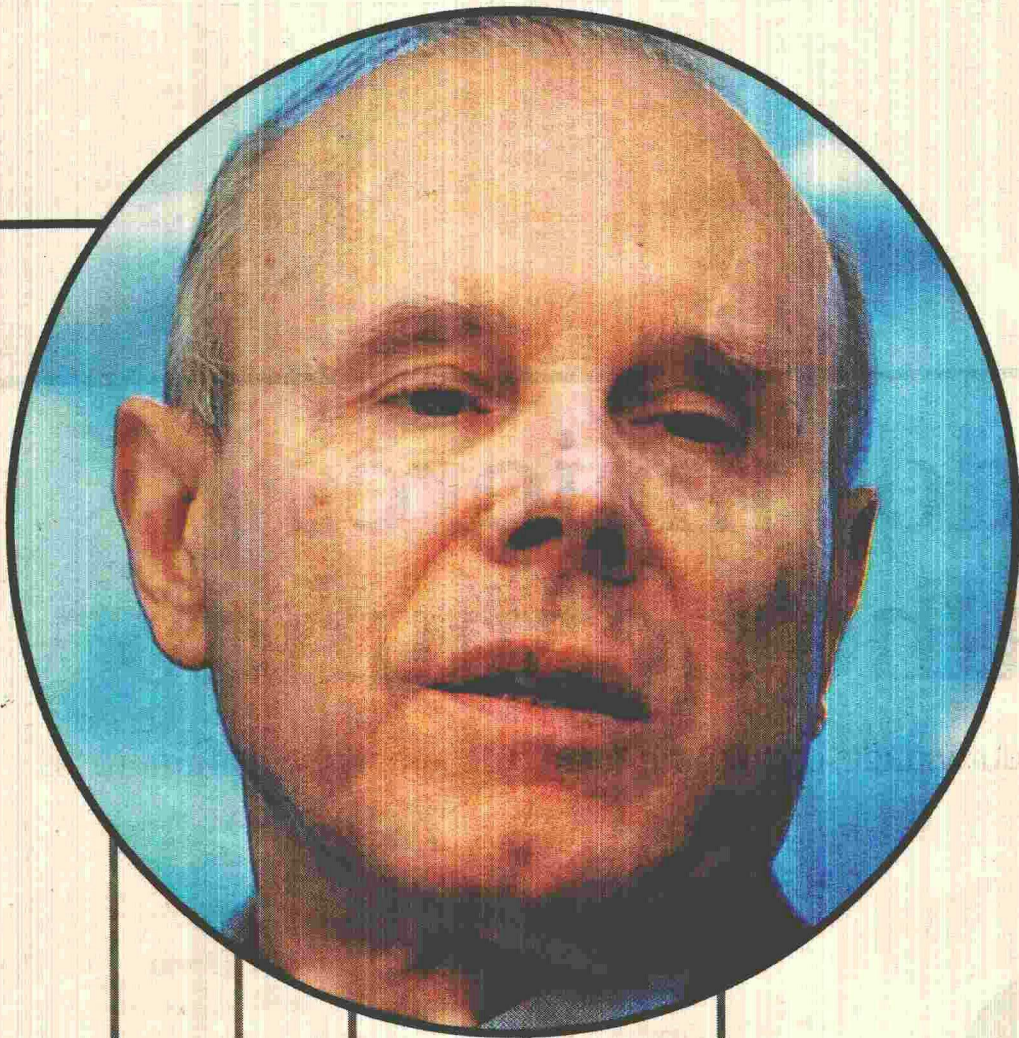
A relação entre BC e presidência já até rende boatos sobre uma futura dança das cadeiras. Com "prazo de validade vencido", Mantega daria lugar a Tombini no Ministério, segundo a economista. "É um momento delicado para o ministro e para Tombini."

SECRETÁRIO
DE POLÍTICA
ECONÔMICAMárcio
Holland
de Brito

“

A credibilidade, que tanto custou para ser recuperada, está sendo desgastada. Há uma concepção econômica fantasiosa na equipe econômica do governo

Márcio Moreira Marques
ex-ministro da Fazenda



66

A saída de Nelson Barbosa, após perder espaço para o Arno Augustin, mostra que a presidente Dilma continua com planos de política fiscal expansionista

Rubens Ricupero
ex-ministro da Fazenda



PRESIDENTE
DO BANCO
CENTRAL
Alexandre
Tombini



SECRETÁRIO
DE TESOUREIRO
NACIONAL
Arno Hugo
Augustin
Filho

SECRETÁRIO DE
ACOMPANHAMENTO
ECONÔMICO

Antonio
Henrique
Pinheiro
Silveira

Defensores dizem que equipe faz o possível

Apesar do mau momento, há quem veja valor no trabalho exercido pela equipe econômica. Júlio Gomes de Almeida, ex-secretário de Política Econômica da Fazenda, avalia que o há um hiato de ciclos econômicos e que a culpa não é necessariamente do governo. O ciclo que forneceu as maiores taxas de crescimento das últimas décadas, baseado no consumo, acabou e o próximo, baseado nos investimentos, ainda não começou. O erro do governo, diz ele, foi acreditar que este ciclo já teria começado.

Apesar disso, Almeida diz que, caso o governo não tivesse adotado as medidas de desoneração de bens duráveis e incentivo à produção, o país poderia estar passando por um momento de recessão. "Há um pouco de

exagero em quem pede as cabeças de quem está no Ministério (da Fazenda). Se trocar ministro resolvesse, nenhuma economia no mundo passaria por ciclos de alto e baixo crescimento", argumenta Almeida.

"Em uma fase em que tudo que se tenta dá errado, detalhes ganham fôlego e as reclamações se aglomeram. Mas foi esta mesma equipe que em 2008 enfrentou muito bem o pior momento da crise", conclui.

Carlos Thadeu de Freitas Gomes, ex-diretor do Banco Central e economista-chefe da Confederação Nacional do Comércio (CNC), defende a atuação do BC.

Mas, segundo ele, a comunicação excessiva empregada pelo atual presidente, Alexandre Tombini, está criando ruído no mercado.

Carlos Thadeu diz que o Banco Central precisa se ater à decisões técnicas e dar explicações apenas quando necessário. "É preciso liturgia. Uma comunicação dúbia só faz mal ao próprio Banco Central. Se ele quer ser claro, que o faça nas atas de reuniões", critica.

Avesso às reclamações de que o BC esteja sofrendo influência política, Carlos Thadeu elogia o corpo técnico da autoridade monetária e diz que isso é uma defesa contra boatos e rumores. "O Banco Central não é lugar para raposas. Tem o melhor quadro de economistas e pesquisadores em muitos anos", diz o economista.

NÚMEROS
R\$
108 bi

Foi o déficit nominal do setor público fechado em 2012, R\$1 bilhão a mais do que no ano anterior. Para os economistas, política fiscal está demasiadamente frouxa.

0,6%

Foi quanto cresceu o PIB do país no primeiro trimestre, o mesmo que no último de 2012. Mesmo com gastos do governo em alta, economia não deslança.

DIRETOR DE
REGULAÇÃO DO
SISTEMA FINANCEIRO
Luiz Awazu
Pereira da
Silva



DIRETOR
DE ASSUNTOS
INTERNACIONAIS E
GESTÃO DE RISCOS
CORPORATIVOS

DIRETOR DE
FISCALIZAÇÃO
Anthero
de Moraes
Meirelles



DIRETOR DE
ORGANIZAÇÃO DO
SISTEMA FINANCEIRO
E CONTROLE DE
OPERAÇÕES DO
CRÉDITO TURAL
Sidnei Correa
Marques

DIRETOR DE
POLÍTICA ECONÔMICA
Carlos
Hamilton
Vasconcelos
Araújo



DIRETOR DE
RELACIONAMENTO
INSTITUCIONAL
E CIDADANIA
Luiz Edson
Feltrim

DIRETOR DE
POLÍTICA MONETÁRIA
Aldo Luiz
Mendes



DIRETOR DE
ADMINISTRAÇÃO
Altamir
Lopes